

Simplemente arte

Exposição na Galeria Tina Zappoli, em Porto Alegre, propõe uma reflexão sobre a fragilidade das fronteiras que costumam separar a chamada “arte culta” da “arte popular”

O que fazem obras de Iberê Camargo (1914–1994) e de Antonio Helio Cabral (1948) ao lado de esculturas de Antonio de Dedé (1953) e de Cícero Alves dos Santos, o Véio (1947)? Enquanto os dois primeiros são amplamente reconhecidos no circuito artístico brasileiro, a simples referência aos últimos ainda provoca expressões estupefatas e de surpresa, inclusive entre os ditos especialistas em arte: “Quem, mesmo?” Enquanto os dois primeiros têm suas obras exibidas em instituições renomadas, os últimos se acostumaram a apresentá-las em galpões, feiras ou mesmo a céu aberto. E, enquanto os dois primeiros construíram suas trajetórias discutindo poética e criticamente os estatutos e a tradição do desenho e da pintura, os últimos têm outras motivações: mitos e lendas populares, associações entre formas humanas e da natureza, seres fantásticos. O local de trabalho dos primeiros é comumente denominado ateliê; dos últimos, oficina. Para muitas pessoas, os dois primeiros são artistas; os últimos, artesãos. Portanto, o que fariam criadores tão distintos num mesmo espaço? Tal convivência seria possível? A exposição *Brasilartegaleria*, até 31 de julho na Galeria Tina Zappoli, em Porto Alegre, sugere que sim.

A mostra apresenta obras recentemente integradas ao acervo, muitas das quais adquiridas durante a mais recente viagem de pesquisa e prospecção realizada por Tina Zappoli e Marinho Neto. Percorrendo várias regiões do Brasil, o casal tem apostado, há mais de 15 anos, na força da arte popular. Assim, ao lado dos artistas consagrados que sempre representaram (a exemplo de Iberê Camargo), é possível encontrar trabalhos que o senso comum qualificaria – não sem certo preconceito – de “primitivos”. O ambiente eclético, mesclando criações modernas, contemporâneas e populares, surpreende os visitantes mais ortodoxos, que tentam associá-lo a um ou a outro perfil. Nesse cenário, a questão que se impõe é: não estaríamos diante de arte, simplesmente?

O debate sobre as frágeis fronteiras que costumam separar a chamada “arte culta” da “arte popular” não é uma novidade. Já na década de 1960, a arquiteta Lina Bo Bardi (1914–1992) e o designer Aloísio Magalhães (1927–1982) preconizavam e defendiam essa pungente produção, como uma

forma, inclusive, de se conhecer o país e de criar produtos com identidade brasileira. A antropóloga Lélia Coelho Frota (1938–2010) e a arquiteta Janete Costa (1932–2008) também foram incansáveis na valorização desse patrimônio, publicando pesquisas, documentando e exibindo com dignidade o trabalho de vários desses artistas. Nos últimos anos, a discussão em torno do tema vem ganhando volume e densidade, sendo que alguns eventos de grande repercussão colaboram para isso. Em 2000, durante a *Mostra do Redescobrimento*, em São Paulo, dos doze módulos apresentados, um dos mais festejados foi o de Arte Popular, cujo catálogo esgotou em poucos dias. Seis anos depois, o Santander Cultural de Porto Alegre apresentou *Somos*, com curadoria de Janete Costa, focada nas práticas simbólicas e na cultura material do povo brasileiro. Há pouco mais de um mês, encerrou *Teimosia da Imaginação – Dez Artistas Brasileiros*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Concebida por Germana Monte-Mór e Rodrigo Naves, a mostra exibiu, entre outros, peças da ceramista e bonequeira do Vale do Jequitinhonha (MG), Dona Isabel Mendes da Cunha (1924), do pintor baiano Nilson Pimenta (1956), e dos entalhadores Véio, do Sergipe, e Antonio de Dedé, de Alagoas. Todos participam, neste momento, da badalada exposição *Histoires de Voir – Show and Tell*, inaugurada em maio na Fundação Cartier, em Paris, e que segue até outubro deste ano. Reunindo 38 artistas de várias partes do mundo (sendo que mais da metade é brasileira), *Histoires de Voir* enfoca criadores que fogem dos códigos visuais convencionais e que, segundo o texto de divulgação, “olham para o mundo com desejo”. No plano simbólico e formal, os cerca de 400 trabalhos expostos evidenciam exuberância cromática, distorções de escala, além da preferência pela figuração e por temas relacionados à natureza e ao universo onírico de cada artista. O curioso é o fato de a Fundação Cartier se chamar, na verdade, Fundação Cartier para Arte Contemporânea. Isso nos sugere que, com suas características tão marcadamente populares e naïf, essas produções estão sendo vistas, antes de tudo, como contemporâneas.

Aparentemente dispensável, tal comentário se justifica quando pensamos que a arte popular tem seus espaços para exibição, e esses costumam ser segmentados, estando à margem, quase no plano do exótico. No Brasil, por exemplo, o Museu do Pontal (RJ), o Museu do Homem do Nordeste (PE), o Memorial da América Latina (SP), o Museu do Folclore (RJ) e o Pavilhão das Culturas Brasileiras, inaugurado em 2010 junto ao Parque do Ibirapuera, em São Paulo, são voltados à preservação e à divulgação dessas obras. Agora, elas saem desse circuito e passam a ser vistas em instituições umbilicalmente comprometidas com a produção contemporânea. Tal postura assinala

uma importante mudança de perspectiva. Afinal, até bem pouco tempo, era moeda corrente pensar em arte popular como algo anedótico, repetitivo, inculto e sem base conceitual. Mais: parecia que os artistas populares não poderiam ser outra coisa, a não ser singelos, telúricos e líricos. Tentando enquadrá-los num esquema comparativo e excludente em relação à “grande arte”, estabeleceram-se débeis patamares, havendo de um lado primazia técnica e estética, consciência e cultura, em contraposição a aspectos como precariedade, rudeza, ingenuidade e desconhecimento. E quão insustentáveis e tolas têm se mostrado essas pretensas características... Nesse sentido, mais do que documentar um evento, o catálogo da mostra *Teimosia da Imaginação* nos oferece um emocionante presente: a voz dos artistas. Ao lado dos textos assinados por especialistas, há a transcrição dos depoimentos de cada entrevistado, buscando reproduzir, inclusive, seus modos peculiares de fala. É nessas passagens que ecoam frases simples e emocionantes, como a do mais uma vez citado Antonio de Dedé, que assim expressa sua relação com os materiais: “A ferramenta, ela sozinha, não trabalha, mas também o artista sem ela não trabalha; ela é o meio da arte. [...] Quando eu vejo a madeira assim, o tronco, já tô sabendo o desenho, já sei o que eu vou fazer. Eu vou trabalhar e a minha mente é quem chama, [...] eu já nasci com a mente assim”. Dando forma aos personagens que povoam seu microcosmo, Antonio de Dedé nos oferece uma parcela de sua experiência. E basta lançar um olhar desprovido de ideias feitas para encontrar, nessas e em tantas peças de arte popular, o que se espera da arte em geral: invenção e capacidade de recriar o mundo.

Paula Ramos

Crítica de arte, professora-pesquisadora do Instituto de Artes da UFRGS